

del padre— en una de sus amantes para satisfacer el deseo de su mujer de tener un hijo, y macho. O, todavía: el propio Silviano Santiago, nacido en Formiga en 1936, hijo legítimo de Sebastião Santiago e Noemia Farnese Santiago.

Si las genealogías resultan confusas en esta novela es porque ellas no importan. Como en toda novela picaresca, de lo que se trata es de suplantar la idea de origen por la de devenir y aquí todo es tránsito y, también, tráfico: de preservativos, de imágenes, de cuadros y de versiones. No es casual en ese sentido que la novela comience con una contracción en el cuello de Samuel: en su carácter sinuoso, torcicoló también figuradamente significa ambigüedad o equívoco. Por eso importan más las versiones y en ellas las versiones y contorsiones del padre ocupan gran espacio narrativo, sobre todo en tanto entradas múltiples y laberínticas sobre las identidades históricas del Brasil. La figuración del padre como gran capitán de la industria del caucho —aunque de un subproducto menor pero importantísimo en la historia del siglo veinte: el preservativo— funciona como miniatura de las vicisitudes económicas del Brasil y de su dependencia económica de un orden internacional que permite ver la globalización desde la perspectiva del sexo y sus metáforas.

De la mentira a la falsificación hay un recorrido. Cuando quien escribe se escribe, además, como mentiroso, la escritura de sí no simplemente es escritura de otro sino que es también una escritura falseada, en el sentido del falseamiento de las hipótesis. A través de esta falsificación, las memorias son al mismo tiempo vida de un sujeto e historia del siglo veinte, y la experiencia del sujeto ya no aparece como extensión de una *durée*, sino como los jirones que la implosión tempestuosa de la historia ha depositado sobre el sujeto.

Que la memoria sea mentirosa no es novedad, que la escritura de sí sea escritura del otro, mucho menos. Lo novedoso en esta mentirosa novela de Silviano Santiago es que la escritura de sí que es escritura de otro se convierte en escritura al sesgo de la historia de la segunda mitad del siglo veinte. No en el sentido de una historia colectiva que propone la experiencia de un sujeto como ejemplo o caso de la experiencia colectiva de una época —lo que ocurre en el realismo, digamos, de un Frédéric Moreau o un Brás Cubas— sino en el sentido de que uno ya no es uno sino muchos. No es que el yo sea otro, sino muchos yoes. Como dice el mismo Samuel: “Não sei por que nestas memórias me expresso pela primeira pessoa do singular. E não pela primeira do plural. Deve haver um *eu* dominante

na minha personalidade. Quando escrevo. Ele mastiga e massacra os embriões mais fracos, que vivem em comum como *nós* dentro de mim.”

Si la foto —que preside la novela desde la portada, junto al título y a la indicación de género: “memórias”— captura la experiencia, también la recorta, y en ese recorte, la tergiversa. La paradoja del mentiroso aparece entonces como la paradoja de la experiencia: la mentirosa es, en este caso, la experiencia. Al elegir, entre la mentira y la falsedad, la falsificación, Samuel encuentra una forma de seguir el mandato paterno de “ficar sempre com dois pássaros na mão.”

Esa noción de falsificación hace que la novela se convierta en una revisión del siglo veinte a partir de la copia, y no, como se lo suele entender, a partir de la invención. La novela de Silviano nos cuenta otra historia del siglo veinte, en el que éste aparece como el siglo de los múltiples: las múltiples versiones, las múltiples identidades, los múltiples destinos del arte.

Se trata de una picaresca, sí, pero de una picaresca que ha convertido al sujeto de la experiencia en sujeto del placer. Placer y goce que es también —sobre todo— el del lector.

Florencia Garramuño es profesora en la Universidad de San Andrés.

## livros/libros

# América nuestra: uma grande nação capitu?

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito*; a escrita autobiográfica na América Hispânica. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

Rachel Lima

Muito já se falou sobre a vocação documental da literatura produzida na América Latina. A dificuldade em se atingir a tão valorizada autonomia do sistema literário na região é com frequência debitada à missão pedagógica incorporada pelos intelectuais situados na periferia do capitalismo, cujo maior interesse se concentraria na cons-

trução de um espaço a partir do qual narrar a sua própria história. De modo geral, pode-se dizer que a denúncia do impulso alegórico de nossa literatura, que dominou a vertente moderna da crítica aqui produzida, ainda mantém o fôlego, mesmo frente às teorizações sobre os protocolos pós-modernos de leitura, nos quais a ênfase no caráter re-

ductor das concepções excludentes e polares se faz presente. Vez em quando, porém, surge alguma luz que nos faça vislumbrar outras possibilidades interpretativas acerca desta questão.

Esse é o caso de *Vale o escrito*, reunião de textos de Sylvia Molloy, que apresenta o mérito de romper com as pretensões totalizantes e unilineares de uma crítica que não raras vezes resiste ao abandono das relações de similaridade e contigüidade, para se deter em espaços geográfica e retoricamente situados à margem de qualquer possibilidade de serem visualizados em uma perspectiva sistêmica. Obra que assume a opção por gêneros indecidíveis, cuja arquitetura



participa simultaneamente de mais de um regime discursivo, o livro de Molloy consegue romper com as dicotomias estabelecidas entre literatura e documento, arte e ciência, registro privado e público, tanto pela escolha do tema a que se dedica – a autobiografia – quanto pela forma escolhida para sua exposição – o ensaio. Ambos, gêneros que traduzem a crise de autoridade do sujeito, em seu paradoxal e simultâneo processo de constituição e dissolução. E que revelam a impossibilidade de fixar os lugares da memória individual e coletiva, considerando mais produtivo mostrar como a preocupação com a identidade nacional é repercutida pela forma oblíqua – e, por que não dizer, dissimulada – em que o sujeito autobiógrafo dirige o olhar para o seu próprio corpo.

O livro, voltado para a discussão de obras autobiográficas hispano-americanas produzidas nos séculos 19 e 20, é dividido em três partes, nas quais se percebe que o critério de seleção obedece sempre à noção de diferença. Na primeira – A cena de leitura –, a atenção recai sobre textos de sujeitos cujas estratégias de auto-representação tornam evidente a sensação de “não estar de todo” que acompanha todo aquele que é condenado a viver do processamento dos resíduos deixados pela cultura dominante: “Toda evocação marginal é um saque do arquivo europeu”, dirá Silviano Santiago no prefácio. Um saque que significa muito mais tradução e representação do que mimese, que constitui ato capaz de garantir apenas uma vivência dramática, num mundo de papéis marcados – do crioulo, da mulher, do escravo – em que só a leitura e a escrita se apresentam como espaços para a experimentação dos “exercícios de ubiqüidade” a que se refere Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano*. Espaços que constituem, em síntese, linhas de fuga ao controle exercido sobre um corpo que demanda visibilidade. Os relatos autobiográficos de Sarmiento, de Victoria Ocampo e de Juan Francisco Manzano testemunham tal desejo, ao tempo em que manifestam o fracasso em lhes garantir uma existência autêntica e singular.

Na segunda parte – Infância e histórias de família –, a autora apresenta-nos a tese da dificuldade da incorporação da

infância à literatura hispano-americana, fato que atribui ao caráter público assumido pelas narrativas que, presumivelmente, deveriam se limitar aos aspectos de ordem privada. Ao contrário do que se passa no Brasil, onde a infância acabou se constituindo em “lugar de refúgio” encontrado pelo escritor de memórias para escamotear sua participação nos espaços públicos, quase sempre em posições conservadoras, a literatura estudada por Molloy, só se torna um *topos* dos relatos memorialísticos a partir da voz feminina da Condessa de Merlin. Através da rememoração da escritora, são nostalgicamente evocados, a partir do exílio territorial e lingüístico, os paraísos perdidos dos doze primeiros anos vividos em Cuba, no início do século 19. Também na segunda parte são analisadas as lembranças da infância produzidas pelo educador venezuelano Picón Salas, com o objetivo de resgatar os autênticos princípios morais do passado, o retrato dos valores da classe média a partir da vivência de Miguel Cané, no Colégio Nacional de Buenos Aires, assim como a obra *Cuadernos de infancia*, de Norah Lange, a criadora da revista argentina *Sur*, que incorpora a fragmentação e as inovações formais aos discursos da memória.

Na terceira e última parte – Memória, linhagem e representação –, é explorado o caráter fundacional das narrativas autobiográficas, através da leitura dos recursos que buscam legitimar a operação metonímica que transforma a história familiar em história nacional, o lugar de origem do escritor em lugar comum, a propriedade de poucos em bens a serem preservados por muitos. *A petite histoire* se faz História, através das estratégias narrativas desenvolvidas por Sarmiento para construir uma genealogia, quando lhe interessa politicamente a promoção da identificação entre seu próprio corpo e o corpo da nação. São discutidos também os sedutores artifícios retóricos utilizados por vários dos autores estudados para estender seus quintais aos mais longínquos rincões da pátria e, finalmente, a evocação da figura materna, com o intuito de criar uma solidariedade com os antepassados, levada a cabo pelo mexicano José Vasconcelos.

A leitura cultural da escrita de si, tal como compreendida por Sylvia Molloy, oferece-nos a oportunidade para perceber que, a exemplo do que tem ocorrido no Brasil, também na América hispânica tem se produzido eficaz questionamento do papel cumprido pelas narrativas produzidas pela elite letrada no processo de modernização periférica, ressaltando-se os efeitos ideológicos de suas estratégias discursivas e as ambigüidades e contradições que lhes são inerentes. Além disso, o livro proporciona-nos o acesso a uma extensa bibliografia sobre tema que muito tem interessado à crítica literária produzida no Brasil. Contudo, se alguma ressalva há de ser feita quanto a este aspecto, talvez ela se deva ao fato de, em alguns momentos, faltar uma teorização mais recente sobre o fenômeno do populismo.

Além disso, poderíamos reclamar, a título de provocação, para que num futuro próximo um efetivo diálogo venha a se estabelecer, a ausência de leituras que agregassem a memorialística brasileira – que, como a própria autora reconhece, é bastante rica – aos casos estudados em *Vale o escrito*. Uma análise contrapontual entre os dois tipos de tradição poderia ser bastante útil para se compreender não apenas as diferentes funções da evocação da infância nos dois espaços, mas também as razões pelas quais, ao contrário do que, segundo Sylvia Molloy, se passa nos países hispano-americanos, nos textos autobiográficos brasileiros, os gestos auto-especulativos, empenhados em discorrer sobre o regime de funcionamento da memória, se mostrem abundantes. E, para não ficar só nas distinções, poderiam ser evidenciadas as semelhantes estratégias de “autofiguração oblíqua” que podem levar-nos a romper com o isolamento das duas pátrias, e fazer com que passemos – de forma pragmática e enviesada, é claro – a enxergar toda a América Latina, em seus intermitentes e impertinentes movimentos de ausência e presença, de aproximação e distanciamento entre o “eu” e o “outro”, como uma grande nação capitu.

